



Revista
de Psicologia

ISSN 2179-1740

REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA VEICULADAS PELA MÍDIA: A CRISE DA SEGURANÇA PÚBLICA NO ESPÍRITO SANTO.

*REPRESENTATIONS ABOUT VIOLENCE VEICULATED BY NEWS: THE SAFETY CRISIS
IN ESPÍRITO SANTO*

Ana Maria Justo¹
Amanda Lopes Pinto²
Savana Carvalho Pires³

Resumo

Pretende-se identificar as representações sociais de violência emergentes a partir dos acontecimentos decorrentes da Crise de Segurança Pública no Espírito Santo em fevereiro de 2017. Realizou-se um estudo documental de caráter exploratório e descritivo sobre o conteúdo do jornal impresso local "A Tribuna", publicado entre 4 e 28 de fevereiro do referido ano. O material foi submetido a análises lexicográficas com o auxílio do software IRAMUTEQ. A Classificação Hierárquica Descendente realizada dividiu o corpus em dois sub-corpus: "Ações Criminosas" e "Ocorrências e sociedade". O primeiro originou as classes "Vítima X Bandido", "Pós crime" e "Cenas do crime", enquanto o segundo originou as classes "Segurança e vida social", "Registros e relatos de ocorrências" e "Delegacias e atendimento de ocorrências". Os resultados da análise das classes apontaram para uma descrição detalhada sobre as cenas dos crimes, suas consequências, assim como uma representação da violência a partir da dicotomia entre "pessoas de bem" e "criminosos". Também observaram-se notícias relativas aos desdobramentos administrativos dos crimes, restabelecimento da ordem social e medidas de segurança. As notícias desfavorecem a compreensão da violência como um fenômeno social mais amplo, fortalecendo estereótipos e contribuindo aos fenômenos de exclusão.

Palavras-chave: violência urbana; mídia; representações sociais; segurança pública.

Abstract

It's intended to identify the social representations of violence emerging from the events arising from the Public Security Crisis in Espírito Santo in February 2017. An exploratory and descriptive documentary study was carried out on the contents of the local printed newspaper "A Tribuna" published between 4 and February 28 of that year. The material was submitted to lexicographic analysis with the aid of IRAMUTEQ software. The Descendant Hierarchical Classification divided the corpus into two sub-corpus: "Criminal actions" and "Occurrences and society". The first originated the classes "Victim X Bandit", "Post crime" and "Scenes of crime", while the second originated the classes "Security and social life", "Records and reports of occurrences" and "Police stations and attendance of occurrences". The results of the class analysis pointed to a detailed description of the crime scenes, their consequences, as well as a depiction of violence from the dichotomy between "good people" and "criminals." There were also reports on the administrative consequences of the crimes, the restoration of social order and security measures. The news undermines the understanding of violence as a broader social phenomenon, strengthening stereotypes and contributing to the phenomena of exclusion.

Keywords: urban violence; media; social representation; public security

1 Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil. justoanamarca@gmail.com

2 Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil. amanda.lopesp@hotmail.com

3 Universidade Federal do Espírito Santo. Brasil. savanacp@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A violência urbana tem se mostrado pauta frequente no cenário mundial, tanto no que se refere à segurança, quanto às implicações para a saúde da população. Ganha destaque em diversos meios de comunicação, sendo este um dos principais temas veiculados pela mídia contemporânea. A violência nos espaços das cidades tem deixado efeitos como o medo e insegurança (Santos & Ramires, 2009), o que termina por acirrar preconceitos entre os grupos sociais (Naiff & Naiff, 2005). Nesse sentido, considera-se que a Psicologia social, cujo foco está nas relações entre os indivíduos e a sociedade (Ferreira, 2010) pode trazer contribuições ao estudo da violência, ao identificar as concepções e crenças que circulam socialmente acerca desse fenômeno.

Autores apontam que a violência urbana passou a ser uma das principais questões sociais no final do século XX, estreitamente vinculada às condições sociais e urbanísticas dos aglomerados que se formavam com a expansão das metrópoles. Foi associada à ascensão do tráfico de drogas e do acesso às armas de fogo, podendo ser relacionada a outras formas de violência e ao crime organizado em diferentes graus (Hughes, 2004) e demonstra o desgaste das redes de controle social (Almeida & Santos, 2013). Silva (2004) afirma que a representação da violência urbana está vinculada às práticas que ameaçam duas condições básicas do sentimento de segurança existencial: a integridade física e a garantia patrimonial.

Uma preocupação constante no cotidiano da população, o tema da violência urbana circula desde as produções científicas às conversas informais e, portanto, caracteriza-se como um objeto de representação social (Almeida & Santos, 2013). Para Moscovici (2012), as representações sociais (RS) consistem num tipo de pensamento leigo ou do senso comum, também chamado de pensamento natural (Jodelet, 1984) e são formadas para tornar familiar o incomum, permitindo que se dê sentido aos fatos novos ou desconhecidos, tornando-os acessíveis. Ou seja, envolvem os processos psicológicos e sociais por meio dos quais os indivíduos em interação social absorvem as inovações e constroem explicações acerca dos objetos sociais de interesse (Vala & Castro, 2013).

A comunicação é de importância primordial nos processos representativos, uma vez que é vetor de transmissão da linguagem, e incide sobre aspectos estruturais e formais do pensamento social (Jodelet, 2001). Assim, percebe-se a importância de se considerar os processos comunicativos ao se estudar qualquer RS. E a presença dos meios de comunicação social torna-se cada vez mais intensa no modo de vida contemporâneo, em especial no que tange a circulação de objetos do debate social. Esses meios de comunicação oferecem um caminho, além das relações face a face, que permite às RS circularem nos grupos e na sociedade (Camargo, 2003).

A comunicação social caracteriza-se pela crescente industrialização dos conhecimentos que fazem parte do cotidiano, e uma das características mais notáveis da segunda metade do século XX foi a produção de tecnologias cada vez mais sofisticadas empregadas na mídia (Camargo & Bousfield, 2011). A mídia é considerada um fenômeno social que veicula conteúdos culturais, produzindo o que podemos chamar de cultura de massas: um conjunto de conhecimentos, valores, estereótipos e mitos que passam a circular no cenário social (Rouquette, 1986).

As mensagens midiáticas são reflexos do estado daquele que emite e também do meio que as recebe, ou seja, são a expressão de uma cultura, ao mesmo tempo em que consistem num instrumento que a modela (Kientz, 1973). Nesse contexto, destaca-se a mídia como um instrumento que tem veiculado de forma crescente as notícias sobre violência, gerando impactos na população.

Nesse sentido, apontam Júnior e Costa (2016) que a mídia reproduz e até potencializa representações em que a realidade das cidades brasileiras é palco de violência cotidiana e ameaçadora. Hopenhayn (2002) reforça que o aumento da sensação de insegurança faz com que as pessoas procurem se proteger dos assaltos e acidentes com grades e condomínios fechados, assim como o comércio se concentra em grandes centros. Contribui também para a desintegração social e provoca um sentimento de suspeita em relação aos considerados diferentes, principalmente se forem homens jovens de baixa renda, enfraquecendo os laços, sentimentos de pertença à sociedade, normas de confiança e reciprocidade.

Segundo Endo (2009), o medo da violência gera o esvaziamento do espaço público:

Esse desenho da cidade tende a empurrar todos para dentro de suas próprias casas e reafirma o espaço do lar como refúgio do espaço público, cisão entre a casa e a rua que sugere que o mundo pode e deve ficar resguardado dentro de casa, tal como defende uma das maiores aliadas das violências: a mídia televisiva. Produtos para abastecer o lar e violências na dose certa são vendidos, com segurança, para os que desistiram do espaço público. (p.34).

As pessoas, fechadas em suas casas e condomínios, têm na mídia a principal fonte de informação sobre a situação social. Conforme Palermo (2018) a mídia tem papel fundamental na organização da percepção social. E a realidade por ela narrada passa a integrar a experiência dos sujeitos (Junior & Costa, 2016).

A mídia exerce um papel importante como influência social, podendo refletir na violência de diversas formas. Teledjornais, filmes, telenovelas, séries, internet e até mesmo jogos de vídeo games, exibem cotidianamente cenas de violência. A exposição diária a esse conteúdo pode favorecer comportamentos agressivos, provocando a naturalização da violência em um âmbito global e tornando-a mais facilmente acessível em situações de grande tensão (Rodrigues Assmar & Jablonski., 2013).

Ao comercializar a violência com jogos de vídeo games e filmes, essa passa a ser associada à diversão, à ação e ao lazer. Tal naturalização da violência pode acarretar a redução da sensibilização emocional diante de situações agressivas na realidade, o que pode implicar em danos afetivos e sociais (Rodrigues et al., 2013). Mena e Vega (2006) defendem ainda que os meios de comunicação, através das estatísticas sobre violência, produzem representações de insegurança, repercutindo assim em uma estigmatização das áreas urbanas onde há altas taxas de criminalidade.

Cruz, Azevedo e Gonçalves (2011) constataram que a violência urbana atinge em grande proporção as cidades de médio porte, chegando a equiparar-se, ou mesmo a superar às grandes metrópoles. Um exemplo de ocasião em que a violência urbana tomou dimensões alarmantes ocorreu em fevereiro de 2017, com a paralisação das atividades dos policiais militares (PMs) no Espírito Santo, e conseqüentemente, a crise da segurança pública no estado.

Entre os dias 04 a 25 de fevereiro de 2017 os moradores do Espírito Santo conviveram com uma situação que abalou o funcionamento de diversas cidades: a crise da segurança pública, durante greve de policiais militares (PM) no estado. Na ocasião, familiares dos PMs bloquearam as saídas dos batalhões, reivindicando melhores condições de trabalho e reajuste salarial. Como um dos desdobramentos dessa situação, dados do governo do estado apontam que durante o mês de fevereiro 227 pessoas foram assassinadas, um aumento considerável em relação a fevereiro de 2016, em que foram contabilizadas 124 vítimas (Governo do Espírito Santo, 2017). Durante o período da paralisação dos serviços da polícia militar houve também um número elevado de saques, roubos e furtos em todo o estado. Nessa ocasião a violência urbana no Espírito Santo virou notícia em diversas plataformas midiáticas do estado, do país, e até

mesmo internacionais.

Considerando os elementos apresentados acerca da violência urbana e a importância da mídia na compreensão social desse fenômeno, assim como a situação particular vivida no Espírito Santo nessa ocasião, pretende-se analisar o material midiático relativo aos acontecimentos durante Crise de Segurança Pública no estado do Espírito Santo em fevereiro de 2017. A partir da análise das notícias veiculadas em um jornal local, objetiva-se identificar as RS relativas à violência veiculadas nesse período, trazendo elementos relativos à interpretação de tais ocorrências pela sociedade capixaba.

MÉTODO

Considera-se que a análise de material midiático pode auxiliar na compreensão de como determinados episódios referentes à criminalidade são veiculados e representados pelos meios de comunicação e interpretados socialmente. Para isso, realizou-se um estudo documental de caráter exploratório e descritivo.

A fonte dos dados

Foi analisado o conteúdo do jornal impresso local “A Tribuna”, com edição diária no Espírito Santo. O jornal foi fundado em 1938 em Vitória, é líder de circulação no estado, com média de 40.548 exemplares e está entre os vinte maiores jornais em circulação no Brasil de acordo com a IVC-Instituto Verificador de Comunicação. Ele tem relevância e abrangência, presente em 78 municípios do Estado, sendo seu público-alvo diversificado. A escolha do jornal “A Tribuna” justifica-se pelo fato deste ser o jornal local mais acessível à população, e pela disponibilização online de todas as edições anteriores, o que possibilitou a realização do estudo.

Procedimentos de coleta de dados

Os dados foram coletados no caderno de notícias do jornal “A Tribuna”, por meio do sistema de busca de seu site, onde foram selecionados o ano “2017”, o mês “fevereiro” e os dias. O levantamento incluiu as edições do dia 04 ao dia 28, referentes ao período da crise da segurança pública no Estado. O processo de coleta envolveu o acesso ao conteúdo de todas as notícias veiculadas, sendo selecionadas e armazenadas as notícias referentes à crise de segurança, as quais contabilizaram um total de 114 artigos.

Análise de Dados

Todo o material coletado foi organizado em documentos textuais e reunidos em um único arquivo de texto para a formação do *corpus* “Greve da PM”. Para a análise dos dados foi utilizado o software IRAMUTEQ - Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Camargo & Justo, 2013). Com o auxílio do software, o *corpus* “Greve da PM” foi submetido a diferentes análises lexicográficas, dentre elas a Nuvem de Palavras e a Classificação Hierárquica Descendente (CHD). A nuvem de palavras apresenta graficamente as palavras de maior frequência em um corpus textual, enquanto a CHD indica contextos lexicais, ou classes de segmentos de textos,

associados ou não a variáveis descritivas dos produtores deste material (Ratinaud, 2011).

RESULTADOS

O *corpus* analisado teve 29.756 ocorrências de 4.434 formas distintas e os 114 textos iniciais desdobraram-se em 844 segmentos de textos. A partir da figura 1 nota-se que entre as palavras que apareceram com maior frequência no *corpus* “Greve da PM” estão “pessoa” (n=138), “polícia” (n=131), “crime” (n=126), “policia” (n=122), “bandido” (n=102) e “homicídio” (n=102). Vítimas, acusados e polícias foram os protagonistas de grande parte das notícias analisadas, e protagonizaram principalmente cenas de crimes, em que os homicídios tiveram destaque. Pode-se, assim, observar que os conteúdos que ganharam maior notoriedade pelo jornal “A Tribuna”, na época da crise da segurança pública, foram aqueles referentes a relatos, descrições, consequências e medidas relativas aos crimes, envolvendo também seus atores.

O *corpus* composto por 844 segmentos de texto (ST) foi submetido a uma CHD, de modo a facilitar a exploração do seu conteúdo, sendo que 691 ST (81,87%) foram retidos na análise. A CHD particionou o *corpus* em 6 classes. A partição inicial dividiu o *corpus* em 2 grandes *sub-corpora*: “Ações Criminosas” e “Ocorrências e sociedade”, compondo respectivamente 46,6% e 53,4% dos dados analisados. Do primeiro *sub-corpus* originaram-se a classe “Vítima x Bandido” e outra partição referente às classes “Pós-crime” e “Cenas do crime”. Do segundo *sub-corpus*, produziram-se a classe “Segurança e vida social” e mais uma partição referente às classes “Registros e relatos de ocorrências” e “Delegacias e atendimento de ocorrências”. A ilustração das partições, assim como a descrição de cada uma das classes encontra-se no dendrograma da figura

As classes “Registros e relatos de ocorrências” e “Delegacias e atendimento de ocorrências” referem-se, respectivamente, a 13,3% e 17,5% dos dados analisados. Relatam, em geral, as medidas que foram tomadas após os acontecimentos criminosos, sendo que a classe “Registros e relatos de ocorrências” expõe os dados relativos aos crimes em determinados períodos, enquanto a classe “Delegacias e atendimento de ocorrências” menciona seus desdobramentos administrativos.

Pode-se verificar que as palavras mais frequentes na classe “Registros e relatos de ocorrências” são “dia”, “ontem”, “registrar” e “homicídio” fazendo referência às datas, períodos e quantidade de crimes e registros, principalmente dos acontecimentos do dia anterior e dados contabilizados até o momento: *“maiores picos de crimes registrados na Delegacia de Furtos e Roubos de Veículos neste ano. O titular da DFRV, delegado Tarcísio Otoni, contou que houve acúmulo de ocorrências”* (Edição do dia 08/02/2017); sendo a ênfase nos homicídios: *“Um deles aconteceu no bairro Ulisses Guimarães, em Vila Velha. O pedreiro Gery de Souza Santos, foi morto a tiros. O crime será investigado pela Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vila Velha”* (Edição do dia 08/02/2017).

Já na classe “Delegacias e atendimento de ocorrências”, “delegacia”, “crime”, “pessoa” e “roubo” são as palavras que aparecem com maior frequência, indicando a chegada de acusados e vítimas nas delegacias, assim como as medidas tomadas pela mesma e posicionamentos de delegados sobre tais crimes. *“O delegado estimou que os números de crimes aumentaram em cerca de 60%. Lopes contou que as equipes estão analisando caso a caso para saber o que aconteceu em cada crime. ‘Nem todas as vítimas encontramos’.*” (Edição do dia 15/02/2017). Nessa classe, observa-se que os roubos e furtos possuem maior destaque, mas ainda há uma alta frequência da palavra homicídio, assim como da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa. *“Com esse assassinato, o Estado chega a*

189 homicídios desde o início da greve dos PMs, no último dia 4, segundo o Sindicato dos Policiais Civis (Sindipol) até as 17h, e houve mais quatro assassinatos, segundo a Polícia Civil.” (Edição do dia 24/02/2017).

Por sua vez, na classe “Segurança e vida social” observam-se relatos da situação da sociedade capixaba diante da crise da segurança pública vigente até então. Ela corresponde a 22,6% dos dados analisados, sendo a maior dentre as classes geradas pela CHD e esteve associada à primeira semana de fevereiro. As palavras “segurança”, “loja”, “prejuízo” e “grande” são as de maior destaque, como se pode ilustrar nos trechos: “*explicou o presidente da Federação do Comércio do Estado, José Lino Sepulcri que a recomendação é manter as portas fechadas até a situação se normalizar. Nas fábricas, o cenário não é diferente. Algumas indústrias estão paralisando atividades*” (Edição do dia 07/02/2017). “*O presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Vitória, Cláudio Sipolatti, destacou que a sociedade precisa voltar a viver.*” (Edição do dia 10/02/2017).

Há uma preocupação com o desequilíbrio que a crise da segurança pública gerou no funcionamento das atividades comerciais e cotidianas, já que parte do comércio permanece fechada e menos pessoas circulam nas ruas. As notícias ilustram as tentativas de restabelecimento do funcionamento normal e com segurança, a qual estava comumente associada à presença da Força Nacional nas ruas. São destaque nessa classe os saques às lojas e os prejuízos que os comerciantes sofreram. Os ônibus incendiados e o funcionamento do transporte público também têm espaço na classe, como ilustra o extrato: “*Mesmo com homens do exército nas ruas e a chegada da Força Nacional ao Estado, o Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários no estado do Espírito Santo (Sindirodoviários) decidiu que os ônibus não vão circular hoje até que haja garantias de segurança*” (Edição do dia 07/02/2017). A palavra “grande” geralmente está associada à região da “Grande Vitória”, relatando a situação da região metropolitana do Espírito Santo, onde ocorreram mais crimes durante a crise.

Passando ao outro *sub-corpus*, a classe “Vítima x Bandido” representa 15,2% dos dados analisados e foi associada à segunda e à terceira semanas de fevereiro. Caracteriza a “vítima” e o “bandido” a partir das ações dos sujeitos que cometeram crimes, “bandidos”, e da narrativa das vítimas e/ou policiais envolvidos nas ocorrências. “*Eles apontaram arma para minha cabeça e mandaram eu entregar o celular e pegaram do meu bolso. Entraram no carro, deram ré e fugiram sentido são Diogo, contou o aposentado.*” (Edição do dia 06/02/2017). As palavras que apareceram com maior frequência foram “bandido”, “criminoso”, “policial”, “quando”, “arma” e “fugir”, respectivamente. Essas palavras indicam, portanto, a ação e/ou confronto entre as partes envolvidas na ocorrência que gerou a notícia, como o assalto à mão armada com ou sem feridos e reações de policiais: “*O policial relatou que três criminosos desceram do carro e anunciaram o assalto. Segundo ele, dois dos bandidos estavam armados. A mulher do cabo desceu do veículo e, em seguida, ele sacou a arma e saiu do Astra se identificando como policial*” (Edição do dia 21/02/2017).

As classes “Cena do crime” e “Pós-crime” representam 19% e 12,4% dos dados analisados, respectivamente. A classe “Cena do crime” narra sobre o crime ocorrido, local, data, onde e o que aconteceu. “*Ele foi executado com 14 tiros ao reagir a um assalto às 23h45 de quarta-feira, no bairro Serra-Sede, na Serra. O assassinato aconteceu na avenida Getúlio Vargas, a principal do bairro, e deixou assustados moradores do local.*” (Edição do dia 17/02/2017). O crime mais relatado foi o homicídio. “Tiro”, “ano”, “ontem”, “bairro”, “hora” são palavras características dessa classe. “*Um rapaz de 19 anos foi executado a tiros à 1h45 de ontem, no bairro Aeroporto, em Cachoeiro de Itapemirim. Natan Silva Salucci foi atingido com cinco tiros. O crime ocorreu na rua João Luiz de Jesus, área conhecida como Favelinha*” (Edição do dia 16/02/2017). Uma das palavras com contribuição significativa à classe é “Serra”, município da Grande

Vitória onde ocorreram grandes números de homicídios.

Já a classe “Pós-crime” apresenta as situações posteriores aos crimes relatados, ou seja, medidas tomadas como o socorro às vítimas, o recolhimento de corpos e as superlotações do departamento médico legal da região. “*Aqui no DML, tem muitos corpos, uma cena horrível, eu quero ir embora desse lugar e nunca mais voltar, desabafou a pedagoga que veio com a família de São Paulo há 1 ano e já está de malas prontas para partir.*” (Edição do dia 08/02/2017). Os crimes que aparecem como significativos na classe são assalto à mão armada com feridos, homicídios e furtos. As palavras “não”, “ano”, “vítima”, “hospital”, “levar” e “corpo” são as de maior destaque. “*Rui Pereira Passos, de 51 anos, foi socorrido e levado para o hospital, mas não resistiu e morreu. Uma enfermeira que estava na rua no momento do tiroteio também foi baleada.*” (Edição do dia 12/02/2017).

No geral, pode-se destacar que os *sub-corpora* “Ações Criminosas” e “Ocorrências e sociedade” diferem-se em relação aos conteúdos principais das notícias. Enquanto o primeiro enfatiza os relatos de acontecimentos criminosos, o segundo enfatiza questões administrativas envolvendo os crimes, como registros, investigações e restabelecimento da ordem social. Em todas as classes pode-se observar ênfase no discurso da vítima e no processo de registro e investigação do caso. Quando há relatos de crimes, existe descrição detalhada das cenas dos acontecimentos. Constatou-se ainda que crimes como saques foram mais noticiados na primeira semana, enquanto na segunda e terceira semana de fevereiro crimes como assalto à mão armada se mostraram mais significativos. Em relação aos homicídios, ocorrências de grande incidência durante a crise de segurança pública, nota-se que tiveram relevância em todas as classes, exceto na classe “Segurança e Vida Social” que se manteve atrelada ao funcionamento das cidades.

DISCUSSÃO

A partir da interpretação do material analisado, pode-se constatar uma representação de violência que se pauta em polaridades: a vítima e o bandido; a segurança e a insegurança. Tal antagonismo remete às reflexões de Zimbardo (2016), quando o autor aponta que há uma comodidade em pensar uma dicotomia entre o “Lado bom e irrepreensível” e o “Lado mal e perverso”. Grande parte da sociedade costuma adotar um discurso de repreensão do mal e da violência, como se tais aspectos estivessem muito distantes da sua realidade, como se fosse algo presente “nos outros”, que não faz parte das pessoas “de bem” da sociedade. Como indica o autor, é como se a violência fosse responsabilidade de algumas “maçãs podres” da sociedade, e há uma crença de que ao excluir tais indivíduos da mesma, todos os problemas estariam resolvidos.

No material midiático, o conteúdo retido na classe “Vítima x Bandido” permite-nos observar que as reportagens identificam as vítimas com detalhes, incluindo seu relato minucioso, descrição e fotografia, de modo a aproximá-los do leitor. Por sua vez, não há qualquer menção específica aos “bandidos”, que são abordados de modo anônimo e homogêneo. As histórias de vida dos indivíduos que cometeram crimes não são de forma alguma mencionadas, eles jamais são entrevistados, o que sustenta a dicotomia entre pessoas “de bem” e “bandidos”.

Nesse caso, considera-se que as pessoas ditas “violentas” são definidas a partir de relações intergrupais que remetem ao paradigma clássico NÓS *versus* ELES (Tajfel, 1982). Ou seja, nós, cidadãos de bem, que conhecemos e nos solidarizamos com as histórias que nos chegam pela mídia *versus* eles, bandidos, diferentes de nós e que concretizam o mal, desconsiderando assim que tais personagens são integrantes de uma mesma sociedade,

complexa, e excludente, que contribui para a violência. Ademais, a forma como as representações se expressam na mídia podem legitimar o lugar dos grupos economicamente desfavorecidos em um espaço marginal da sociedade (Santos, Almeida, Mota e Medeiros, 2010), já que os bandidos são usualmente associados a territórios específicos – cidades e bairros, no caso do material analisado.

Os episódios de saques às lojas foram uma surpresa para grande parte da população, pois os envolvidos exerciam comportamentos diferentes daqueles esperados pela sociedade. Tais comportamentos fogem às normas sociais atreladas ao papel social de “cidadão de bem”, e podem estar sob controle das normas sociais descritivas, como sugerem Aronson, Wilson e Akert (2015). Como socialmente se espera que comportamentos criminosos sejam emitidos pelas “maçãs podres” e nesse contexto eles foram emitidos também por “cidadãos de bem”, pode-se afirmar que os episódios de saques foram os únicos em que se percebeu menor dicotomia entre bem e mal.

Os saques foram representados na mídia como formas de violência mais branda, e associadas a pessoas comuns. A partir de uma perspectiva psicossocial, tais eventos poderiam ser explicados, além de outros fatores, pelo processo de desindividuação, visto que os indivíduos que participaram de tais episódios, não poderiam ser identificados em meio ao grupo e, como apontado por Rodrigues et al. (2013), o anonimato aumenta a probabilidade da exibição de condutas antissociais. Após o reconhecimento das pessoas através de câmeras de segurança, muitos devolveram os objetos roubados à delegacia, assim como exposto no trecho: *“Ele explicou que muita gente procurou a delegacia para devolver mercadorias. Pelo menos três salas da delegacia estão repletas de produtos levados das lojas durante a onda de saques, nos dias sem policiais nas ruas da cidade.”* (Edição do dia 21/02/2017).

A classe “Segurança e vida social” reafirma as ideias de Silva (2004) sobre o sentimento de segurança relacionado à integridade física e à garantia patrimonial, bem como os achados de Azevedo (2003), que trata dos prejuízos econômicos e sociais relacionados à crise da segurança pública. Esta proporcionou uma sensação de medo intensa na população do estado, fazendo com que pessoas desistissem de habitar do espaço público durante aquele período, o que fica evidente, por exemplo, nos depoimentos do presidente da Federação do Comércio do Estado e do presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Vitória. Durante as semanas de greve da polícia, houve uma mudança na rotina da população, sendo que muitas lojas e indústrias permaneceram fechadas e os ônibus funcionaram de forma irregular, incluindo paralisações, noticiadas pelo jornal analisado: *“sem transporte público e sem serviços essenciais o morador do estado continuou se sentindo inseguro e preferiu não arriscar sair de casa”*. (Edição do dia 13/02/2017).

Segundo Mena e Vega (2006), a mídia pode ter contribuído para tal efeito, sendo que durante o mês de fevereiro de 2017 reproduziu-se diariamente representações de insegurança, com riqueza de detalhes das cenas dos crimes e seus desdobramentos, conforme observado nas classes “Cena do crime” e “Pós-Crime”. Consequentemente, contribuiu-se à estigmatização dos locais com altos índices de crimes, principalmente homicídios. Pode-se também relacionar o conteúdo da classe de “Segurança e vida social” sobre o sentimento de insegurança, com as ideias de Aronson et al. (2015), a respeito da influência social da mídia como um saber informativo e especializado, tornando-se fonte de informação para o grupo que, em situação de crise, acredita fielmente nas suas colocações. Vale ressaltar a grande proporção de notícias veiculadas sobre a crise de segurança em relação a qualquer outro tema que entrava em pauta durante esse período. Ou seja, por meio da mídia, a linguagem da violência urbana se organiza e reverbera socialmente (Palermo, 2018).

Nesse interim, considera-se a possível ocorrência do fenômeno descrito na Psicologia como amplificação social do risco (Kasperson, 1988), quando se considera a percepção de risco como produto de valores culturais, interesses governamentais e institucionais. Segundo o autor, o risco percebido depende da integração entre processos psicológicos, sociais e culturais que podem levar ao aumento ou atenuação dessa percepção. A mídia é um dos principais transmissores do processo de amplificação do risco, sendo que nesse processo vem a contribuir aos processos de estigmatização de territórios e de grupos sociais (Di Giulio, Pereira & Figueiredo, 2008). Esse fenômeno é verificado frente ao risco da violência urbana, quando a mídia expõe ocorrências de atos violentos que se dão com frequência em determinados espaços urbanos (Santos & Ramires, 2009).

No que se refere especificamente às RS de violência, Machado e Porto (2016) verificaram que entre os policiais civis as representações de imagens associadas às mortes noticiadas de homicídios têm ligação com acerto de contas, disputa de gangues e tráfico de drogas, corroborando com os resultados da análise de mídia realizada. Segundo as notícias veiculadas, a maioria dos casos de homicídio tinha ligação com o tráfico de drogas, onde a disputa pelo poder e a vingança por dívidas seriam solucionadas com a morte.

De acordo com Machado e Porto (2016), esta representação dos homicídios deixa implícita a mensagem: “bandido matando bandido”, indo ao encontro das ideias de Zimbardo (2016) sobre a desumanização, e coloca essas mortes como menos importantes. O depoimento do presidente do Sindipol ilustra tal constatação: “*Ele afirmou que a disputa do controle de tráfico em bairros periféricos encabeçam as mortes. ‘São acertos de contas e execuções’, explicou.*” (Edição do dia 15/02/2017). Nesse caso, os homicídios são frequentemente classificados entre “acertos de contas” e “morte dos cidadãos de bem” (Júnior & Costa, 2016).

As classes “Registros e relatos de ocorrências” e “Delegacias e atendimento de ocorrências” exemplificam a forma como tais episódios são tratados pelas instituições responsáveis. Além disso, as notícias sobre a reação de policiais, resultando em pessoas feridas ou mortas, podem naturalizar e legitimar esse comportamento, como uma norma social em que há agressão sancionada, aprovada pela sociedade, assim como já apontado por Rodrigues, et al (2013) e Minayo (2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o jornal local do Espírito Santo, durante a crise da segurança pública no estado, veiculou um alto número de notícias sobre os efeitos da greve da PM. Em média, foram cerca de seis relatos por dia durante o período. Pode-se perceber, com a divisão dos dados textuais em dois *sub-corpora* “Ações Criminosas” e “Ocorrências e sociedade” uma diferença em relação aos principais conteúdos das notícias. O primeiro *sub-corporus* enfatizou os relatos de acontecimentos criminosos e o segundo deu ênfase às questões administrativas. Os relatos dos crimes trazidos nas notícias continham uma riqueza de detalhes das cenas e dos fatos que se sucederam, principalmente em casos de homicídios que teve grande proporção durante o período. Além disso, foi possível notar que muitas notícias veiculadas nesse período estavam relacionadas ao medo da população de habitar os espaços das cidades.

Nota-se que a interpretação do fenômeno da violência durante esse período se deu de forma relativamente superficial, sem analisar os possíveis fatores que poderiam ter resultado em episódios violentos e sem fazer uma análise sobre a complexidade que abarca o tema da violência no contexto da crise. Como a mídia é um poderoso agente de influência social, formadora de opiniões, veículo de transmissão de RS, pode-se concluir que a sociedade

capixaba, em geral, teve pouco acesso a uma análise da problemática que envolve a violência, ficando restrita assim à visão dicotômica entre “bandido” e “sociedade de bem”, disseminada entre a população durante tal período. Tal representação fortalece estereótipos e contribui para a manutenção dos processos de exclusão social.

Vale salientar, nesse sentido, que uma das contribuições que a Psicologia tem trazido ao campo de estudo da violência, é sua compreensão como um fenômeno dialético, no qual a violência física e a criminalidade usualmente são respostas a violências anteriores (Souza, 2004). Nesse caso, conforme o autor, o envolvimento em atos violentos e criminosos pode ser compreendido como uma forma transgressiva de se inserir em uma sociedade que exclui.

Destaca-se como limitação do estudo o fato de se ter analisado o conteúdo midiático de apenas um jornal local, em um contexto específico, durante um curto período de tempo. Dessa forma, não se pode generalizar tais resultados para toda população, sendo necessários novos estudos sobre tal tema, com maior abrangência. Poderá ser promissor incluir também a percepção de risco da população, possibilitando que se tenha acesso às opiniões dos cidadãos sobre a violência de modo mais amplo, assim como acerca do que os capixabas vivenciaram durante a crise da segurança pública no Espírito Santo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, L.S. & Santos, M.F.S. (2013). Representações sociais de violência urbana entre policiais civis. *Teoria e Prática*, 15(2), 76-91.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2015). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC Editora S.A
- Azevedo, M. A. D. (2003). Concepções sobre criminalidade e modelos de policiamento. *Psicologia: ciência e profissão*, 23(3), 18-25. DOI: 10.1590/S1414-98932003000300004
- Camargo, B. V. & Bousfield, A. B. S. (2011). Teoria das Representações Sociais: uma concepção contextualizada de comunicação. Em: In A. M. O. Almeida; M. F. S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp.433-456). Brasília: Technopolitik.
- Camargo, B. V. (2003) A televisão como vetor de difusão de informações sobre a AIDS. In: M. L. P. Coutinho, A. S. Lima, M. L. Fortunato & F. B. Oliveira (Org.), *Representações sociais: Abordagem interdisciplinar* (pp. 130-152) João Pessoa: Editora Universitária.
- Costa, D. M. F., Coutinho, M. P. L., & de Araújo, L. S. (2011). Cenário cinzento da violência e as múltiplas facetas da família: enfoque psicossocial. *Psico*, 42(3).
- Cruz, S. H., Azevedo, M. R., & Goncalves, H. (2011). Vitimização por violência urbana em uma cidade de médio porte do sul do Brasil. *Rev. Bras*, v.14, n. 1, p. 15-26, Mar. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2011000100002>.
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2002). Violência: um problema global de saúde pública. Em: E. G. Krug, et al. *Relatório*

Mundial sobre violência e saúde (p.1-20). Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://www.opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf> acesso em 27/02/2018.

Endo, P. C. (2009). Violências, sistemas violentos e o horizonte testemunhal. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29(1).

Ferreira, M. C. (2010). A Psicologia social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (especial), 51-64.

Governo do Espírito Santo (2017). *Bolhetim de Informações Criminais do Espírito Santo – Maio/2017* 01. Sumário Executivo. Instituto Jones dos Santos Neves. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/artigos/4867-boletim-de-informacoes-criminais-1-trimestre-de-2017> acesso em 27/02/2018.

Hopenhayn, M. (2002). A cidadania vulnerabilizada na América Latina. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 5-18.

Huggins, M. K., Haritos-Fatouros, M., & Zimbardo, P. G. (2006). *Operários da Violência: Policiais torturadores e assassinos reconstróem as atrocidades brasileiras*. Brasília, DF: Editora UnB.

Hughes, P. J. A. (2004). Segregação socioespacial e violência na cidade de São Paulo: referências para a formulação de políticas públicas. *Perspectiva*, 18(4), 93-102. DOI: 0.1590/S0102-88392004000400011

Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão (L.Ulup, Trad.). In: D. Jodelet (Org.), *As representações sociais* (pp.187-203). Rio de Janeiro: Eduerj.

Jodelet, D. (1984). Répresentation Sociale : phénomènes, concept et théorie. In : S. Moscovici (éd.), *Psychologie sociale* (363-384). Paris, P.U.F.

Junior, S. E. S. F., & Costa, A. C. (2016). Enquadramentos e representações sociais da violência urbana na imprensa da amazônia paraense. *Dispositiva*, 5(1), 111-127

Kientz, A. (1973). *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro: Eldorado.

Machado, B. A., & Porto, M. S. G. (2016). Violência e justiça criminal na área metropolitana de Brasília: dinâmicas organizacionais e representações sociais. *Tempo Social*, 28(3), 217-242. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2016.108746

Mena, F. C., & Vega, J. N. (2006). La inseguridad en la ciudad: Hacia una comprensión de la producción social del miedo. *Eure*, XXXII(97), 7-16.

- Minayo, M. C. D. S. (2005). Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. Em: Brasil. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Em: *Série B. Textos Básicos de Saúde* Ministério da Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf acesso em 27/02/2018
- Moscovici, S. (2012). *A psicanálise: sua imagem, seu público*. Porto Alegre: Vozes.
- Naiff, L.A.M & Naiff, D.G.M. (2005). A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. *Estudos e pesquisas em Psicologia*, ano 5, n.2, 2º semestre.
- Palermo, L. C. (2018). A cobertura da mídia impressa e o enquadramento das favelas cariocas na linguagem da violência urbana. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 212-236.
- Rodrigues, A., Assmar, E.M.L, Jablonski, B. (2013). *Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Rouquette, M.-L. (1986). La comunicación de masas. Em: S. Moscovici. *Psicología Social II: Pensamiento y vida social; Psicología social y problemas sociales* (p. 627 -647), Buenos Aires: Paidós.
- Santos, M. A. F. & Ramires, J. C. L. (2009) Percepção espacial da violência e do medo pelos moradores dos bairros Morumbi e Luizote de Freitas em Uberlândia/MG. *Soc. nat. (Online)*, v. 21, n. 1, p. 131-145. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-45132009000100009>
- Santos, M. F.S., Almeida, A. M. O., Mota, V. L & Medeiros, I. (2010). Representação social de adolescentes sobre violência e suas práticas preventivas. *Temas em Psicologia*, 18(1), 191-203.
- Silva, L. A. M. (2004). Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e estado*, 19(1), 53-84. DOI: 10.1590/S0102-69922004000100004
- Souza, L. (2004). Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. Em: L. Souza & Z. A. Trindade (orgs.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (p.57-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33(1), 1-39.
- Vala, J. & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. In Vala, J. & Monteiro, M. B. (coord.), *Psicologia social* (569- 602). Lisboa: Fundação CalousteGulbenkian.
- Zimbardo, P. G. (2016). *O efeito Lúcifer: Como pessoas boas se tornam más*. Rio de Janeiro, RJ: Record.

Lista de Figuras

Figura 1. Nuvem de palavras com as palavras de frequência acima da média no corpus 2.

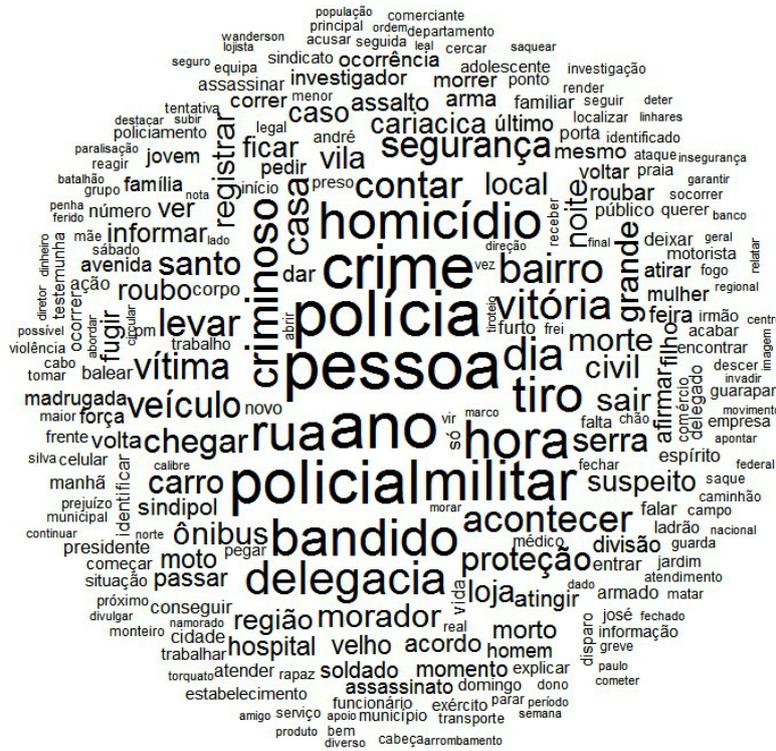


Figura 2. Dendrograma da CHD

